

190

507

1

# Sertanista diz que incendiaram toda a nação indígena brasileira

SÃO PAULO - "Estou sentindo que todo o meu trabalho de sertanista foi por água abaixo. Mas ainda tenho esperanças. Não quero acreditar que o Brasil vá exterminar os seus índios como fizeram os Estados Unidos. Mas o que mais me dói é que não incendiaram apenas um pataxó, mas toda a nação indígena brasileira. Não podemos esquecer que Pedro Álvares Cabral foi recebido há 500 anos pelos pataxós, no sul da Bahia. E que desde então o massacre continua. Por quê?". Essas foram as palavras de Orlando Villas Boas ao comentar a morte do índio Galdino Jesus dos Santos, assassinado por cinco jovens da classe média na capital do país.

Aos 83 anos, 45 dos quais dedicados aos índios, Villas Boas clama por justiça e apela para que o presidente Fernando Henrique Cardoso não abandone os índios em uma vala da História, como fizeram os norte-americanos, que dizimaram tribos inteiras e puseram os sobreviventes em terras estéreis, longe dos seus antepassados. "Somos uma nação mestiça e não podemos matar a nós mesmos", destacou. Villas Boas acha que a Fundação Nacional do Índio (Funai) deve ser revitalizada e receber mais apoio do governo para as suas atividades em cam-

po. "Mais do que dinheiro, o índio brasileiro precisa de infraestrutura, demarcação de suas terras e proteção contra garimpeiros, madeireiros e organizações internacionais doutrinárias", frisou.

Perplexo, o sertanista disse que o ato dos cinco jovens que atearam fogo em Galdino mostra claramente o estado de abandono em que se encontra a causa indígena. "Como aceitar que na capital da república um respeitadíssimo cacique durma em uma calçada? Como aceitar que o verdadeiro dono da terra mendigue um pedaço de chão para morar? Como aceitar que as autoridades não percebam o estado de extermínio de uma civilização inteira?", questionou Villas Boas.

Mesmo deprimido e amargurado com o que fizeram com Galdino, Villas Boas ainda encontrou forças para dizer que há males que vêm para bem. "Quem sabe agora com este crime bárbaro os políticos adotem medidas concretas para proteger os índios. Não dá mais para ficar de braços cruzados e ver um inocente ser morto covardemente enquanto dormia, sem ter como se defender. Algo similar também acontece com tribos que são chacinadas por garimpeiros e traficantes nas florestas brasileiras", salientou.

Ouro, prata, ferro, manganês,

## Irmão de Galdino também foi assassinado

BRASÍLIA - A morte de Galdino Jesus dos Santos foi um dos 233 casos de violência praticadas contra índios nos últimos dois anos. Segundo o mais recente relatório feito pela Fundação Nacional do Índio (Funai), 25 índios morreram assassinados, em 1995, por diversos motivos, sendo que 15 desses crimes foram cometidos por brancos. Um dos mortos era João Cravim, irmão de Galdino, que foi assassinado mas os culpados nunca foram punidos.

Há 20 anos que o povo pataxó luta para tirar fazendeiros e plantadores de cacau de suas terras, localizadas em Ilhéus, na Bahia. O confronto já resultou em diversas mortes, não só por assassinatos. Segundo o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), várias crianças morreram de sede, já que fazendeiros impedem o acesso à água potável, reservada ao gado.

"Galdino não veio à Brasília passear ou mendigar", diz uma nota do Cimi. "Ele veio tratar da

grave situação em que vive sua comunidade, exposta a toda sorte de violências causadas pela permanência de invasores de suas terras", completa a nota. Esta semana, Galdino e várias lideranças pataxós iriam se encontrar com o presidente da Funai, Júlio Gaiger, para tratar da liberação da área invadida. Antes do encontro, Galdino pretendia visitar o acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), que está montado na Esplanada dos Ministérios, no centro de Brasília.

A violência contra índios aumentou cerca de 145% nos últimos anos, segundo relatório da Funai. Em 1995, último levantamento feito pelo órgão, foram registrados 25 assassinatos, cinco ameaças de morte, 35 agressões, 33 espancamentos, sete casos de violência sexual, 34 tentativas de assassinato, mais de 90 suicídios, e 35 agressões contra a pessoa. De todos os casos, segundo o relatório, apenas parte foi apurada e os culpados punidos.

alumínio, alexandrita e urânio são alguns dos minérios encontrados nas terras onde vive a maioria das tribos brasileiras no norte do país. Villas Boas denuncia que há anos essas riquezas são cobiçadas e que os índios

não têm capacidade de mobilização suficiente para fazer valer os seus direitos em defesa de suas terras e riquezas. "A Funai sofre pressão de todos os lados. E o seu desaparecimento não é por acaso", ressaltou.

# Sepultamento vai ter grande manifestação

SALVADOR - Os índios da aldeia pataxó há-hã-hãe, do município baiano de Pau Brasil, a 550 quilômetros da capital baiana, estão preparando uma grande manifestação durante o sepultamento, hoje, de Galdino Jesus dos Santos, 44 anos, queimado vivo por cinco jovens de Brasília, na madrugada de sábado. O prefeito de Pau Brasil, Duryal Santana (PMDB) decretou luto de 3 dias e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) classificou o caso como uma manifestação "neo-nazista".

Perplexos com o episódio, caciques pataxós tentavam encontrar explicações para o crime. O caci-

que Patiburi, que estava hoje em Salvador, participando de uma exposição de artesanato indígena, disse que "a situação está fora de controle, a minoria está sendo sacrificada sem piedade". Ele pediu que a Justiça Federal julgue os criminosos. O cacique Nengo, da aldeia pataxó de Santa Cruz Cabralia, situada a 730 quilômetros de Salvador, desconfia que o assassinato possa ter conotação política porque Galdino era uma pessoa muito "visada", pelo fato de estar lutando há anos pela demarcação de terras da aldeia de Pau Brasil.

Os 1.700 pataxós há-hã-hãe moram numa reserva de mil hectares na Fazenda São Lucas, em Pau Brasil, e estão reivindicando, há 15

anos, a ampliação para 36 mil hectares, o que vem causando conflitos constantes com fazendeiros da região. Segundo os índios, nove pataxós teriam sido mortos em conflitos de terra nos últimos anos em Pau Brasil. Em Brasília, Galdino Santos, tinha a missão de tratar da questão da demarcação das terras da Fazenda São Lucas na Funai.

O Cimi do município de Itabuna, a cerca de 130 quilômetros de Pau Brasil, divulgou uma nota assinada pelo coordenador regional, frei Estevão Cinti, onde classifica de ato "neo-nazista", um "gesto de insanidade", o assassinato do pataxó. A nota diz que a Igreja oferece o perdão aos homicidas mas pede Justiça "para que

atos desumanos como esses não voltem a acontecer".

A notícia do crime chegou a Pau Brasil no final de semana, durante as comemorações do Dia do Índio, segundo informou o prefeito Durval Santana. "Como acontece todos os anos, os índios estavam fazendo festa na cidade, participaram de uma solenidade na Câmara Municipal em louvor à data quando souberam do caso", contou. "Todo mundo ficou triste e abalado", acrescentou o prefeito. O sepultamento vai ocorrer na reserva dos pataxós, situada a seis quilômetros da cidade. Os pataxós pretendem realizar um ato público pedindo a punição rigorosa aos criminosos e justiça social para os índios.